

A IMPORTÂNCIA DA ATUAÇÃO DO ASSISTENTE SOCIAL EM INSTITUIÇÕES DO 3º SETOR COM RECORTE RACIAL

Gilmara Lisboa Santos*

RESUMO: *O estudo faz uma avaliação da atuação do assistente social em instituições com recorte racial a partir da prática de estágio no Projeto Atenção Família / Escola, desenvolvido pela Pró-Reitoria para Assuntos Comunitários da Universidade Católica do Salvador (UCSal), em parceria com a Escola Comunitária Luiza Mahin. Discutem-se as principais implicações neste processo tais como: terceiro setor, a questão racial e a atuação do assistente social. Enfatiza-se ainda a atuação do Assistente Social nestes espaços políticos enquanto formas de “ampliação de poder (dos usuários), saber, e de capitais”.*

Palavras-chave: Serviço Social; Terceiro Setor; Questão racial.

INTRODUÇÃO

Este tema é fruto das observações feitas em campo de estágio na Escola Comunitária Luiza Mahin, no bairro do Uruguai em Salvador, através do **Projeto Atenção Família / Escola**.

O **Projeto Atenção Família / Escola** (PAFE) é um Projeto de Extensão universitária desenvolvido pela Pró-Reitoria para Assuntos Comunitários da Universidade Católica do Salvador (UCSal), em parceria com a Escola Comunitária Luiza Mahin.

Essa Escola surgiu da idéia de moradores do Conjunto Stª Luzia (Uruguai) que, reunidos numa associação, decidiram direcionar seu trabalho para a Saúde e Educação. Com o tempo foi se “transformando” para se adequar às crianças atendidas pela escola, que se configuram em mais de 400 crianças em idade entre 3 e 11 anos.

O Uruguai é um Bairro constituído por, aproximadamente, uma comunidade com cerca de 140.000 habitantes. Uma imensa população negra e, na sua maioria, composta por crianças e adolescentes. As famílias, na sua maioria, são numerosas, boa parte apresenta uma baixa renda fixa, verificando um alto índice de alcoolismo, dependentes químicos, desemprego, subemprego, estupro, analfabetismo, mortalidade infantil.

No início do ano de 2004, a Escola realizou uma pesquisa junto ao IML (Instituto Médico Legal) para constatar o número e a idade dos jovens da comunidade que foram assassinados no final de 2003, período em que o tráfico de drogas no local aumenta e os jovens são usados pelos traficantes como “aviões”, bem como muitos inocentes são mortos pela polícia. O estarrecedor do resultado foi que o último jovem assassinado no local tinha apenas 11 anos de idade; em todos estes casos, se evidencia a questão da discriminação racial e da “questão social” que, no Brasil, se confundem.

Situações como estas, bem como o divórcio, a violência familiar, abandono, abuso sexual, baixa escolaridade dos pais e/ou responsáveis, etc., fazem parte do cotidiano das crianças (e dos funcionários) que freqüentam a Escola, o que sem sombra de dúvida influenciará em seu aprendizado e auto-estima.

* Acadêmica do Curso de Serviço Social da Universidade Católica do Salvador – UCSal. E-mail: gilmaralisboa@yahoo.com.br. Orientadora: Cláudia Patrícia Diniz Correia, Professora da Escola de Serviço Social da UCSal. Co-orientadora: Patrícia Carvalho Vieira, Assistente Social, Coordenadora do Projeto de Extensão Universitária **Atenção Família/Escola – PAFE**, desenvolvido pela Pró-Reitoria para Assuntos Comunitários da UCSal em parceria com a Escola Comunitária Luiz Mahin.

TERCEIRO SETOR

Para Ilse Sherer-Warren o terceiro setor “tem um conceito bastante fluido, que permite incluir associações de natureza e fins diversos, desde que identificados como sendo não-governamentais e sem fins lucrativos”. Partindo deste princípio, ela define organizações que podem fazer parte do terceiro setor como “organizações que possuem algum grau de permanência organizacional, são privadas, sem fins lucrativos (...), autogovernadas”.

Historicizando o terceiro setor no caso brasileiro, Warren o identifica como “os centros populares de educação, promoção e assessoria (...)”, tendo como funcionalidade a “assessoria, apoio, promoção, educação e defesa de direitos humanos (...), com o objetivo de transformar aspectos negativos da realidade social, manifestados por meio de movimentos sociais e/ou comunidades”.

Ela identifica as organizações negras (temáticas) como organizações que se posicionam em defesa da cidadania e da “construção de uma sociedade mais justa e participativa”.

Para Montañó, assim com o Warren, o termo terceiro setor é amplo, ele inclui tanto organizações não-governamentais (fundações, associações, ONG’S, etc.), sendo este também um termo impreciso, como organizações sem fins lucrativos.

Em artigos publicados no Site do Instituto Polis (www.institutopolis.org.br), o terceiro setor é identificado como uma “rede de ONG’S, movimentos sociais, associações, sindicatos (...) que fazem mediação entre a política e as demandas sociais”.

Para autores como Carvalho (1999), o terceiro setor tem uma importância fundamental no que diz respeito ao enfrentamento da questão social, haja vista a minimização do Estado e a fragmentação das políticas públicas.

A autora não perde de vista as concepções discordantes sobre o terceiro setor por parte de grupos neoliberais, agências multilaterais de cooperação (Grassroots Support Organizations – organização de apoio a movimentos de base/comunitários) e grupos progressistas: para a autora, aqueles valorizam o terceiro setor “numa perspectiva utilitarista, assinalando a relevância de suas atividades para reduzir problemas, tensões e conflitos associados ao aumento de necessidades e demandas insatisfeitas, à retração dos gastos e programas sociais do Estado (...) contornando os riscos de uma ingovernabilidade.” Já para as agências o terceiro setor se configura em um espaço “de participação das organizações na implementação da (...) boa governança e proximidade aos grupos atendidos e incentivos à sua participação nos programas que os beneficiam”. E para os grupos progressistas o terceiro setor “contribui para (...) uma reconstrução e ampliação da esfera pública, a busca de uma maior autonomia e equidade social, ao lado de formas de participação que superem os limites dos canais políticos tradicionais e possam viabilizar um maior controle social do Estado e um aprofundamento radical da democracia”.

A partir destas concepções entende-se o terceiro setor como constituído de organizações formais, independentes dos órgãos governamentais, direcionadas a questões de interesse público, sem fins lucrativos e autônomas, constituindo-se em um espaço de conscientização / politização / empoderamento dos setores excluídos da sociedade civil, ou seja, fortalece o poder dos participantes como agentes de mudança em busca de cidadania e democracia de fato.

QUESTÃO RACIAL

Para analisar o que viria a ser “questão racial”, é necessário primeiro a compreensão do termo “raça”. Raça foi um termo criado no séc. XIX pelo Conde Joseph Arthur de Gobineau. O objetivo deste termo era justificar a “superioridade” de um povo sobre o outro.

Para Ianni: “A raça, a racialização e o racismo produzem-se na dinâmica das relações sociais, compreendendo as suas implicações políticas, econômicas, culturais. É a dialética das relações sociais que promovem a metamorfose etnia em raça. A “raça” não é uma condição biológica como a etnia, mas uma condição social, psico-social e cultural, criada, reiterada e desenvolvida na trama das relações sociais, envolvendo jogos de forças sociais e processos de dominação a apropriação. Racializar uns e outros pela classificação e hierarquização revela-se inclusive uma técnica política, garantindo a articulação sistêmica em que se fundam as estruturas de poder. Racializar ou estigmatizar o “outro” e os “outros” é também politizar as relações cotidianas, recorrentes, em locais de trabalho, estudo e entretenimento; **bloqueando relações, possibilidades de participação, inibindo aspirações, mutilando a práxis humana, acentuando a alienação de uns e outros, indivíduos e coletividades**. Sob todos os aspectos a “raça” é sempre “racialização”, trama de relações no contraponto e nas tensões “identidade”, “alteridade”, “diversidade”, “desigualdade”, compreendendo integração e fragmentação, hierarquização e alienação”. (IANNI, 1972)

O professor Oracy Nogueira fez a seguinte análise:

“Considera-se como preconceito racial uma disposição (ou atitude) desfavorável, culturalmente condicionada, em relação aos membros de uma população, aos quais se têm como estigmatizados, seja devido à aparência, seja devido a toda ou parte da ascendência étnica que se lhes atribui ou reconhece. Quando o preconceito de raça se exerce em relação à aparência, isto é, quando toma por pretexto para as suas manifestações, os traços físicos do indivíduo, a fisionomia, os gestos, os sotaques, diz-se que é de marca; quando basta a suposição de que o indivíduo descende de certo grupo étnico, para que sofra as consequências do preconceito, diz-se que é de origem”. (NOGUEIRA, 1979:79)

Assim, entendo que em nossa sociedade o “preconceito e a exclusão racial estão mais ligados à aparência do que à origem biológica e/ou étnica” (PRAXEDES, 2003), e os dados confirmam isto como nos mostra Sueli Carneiro:

“os novos dados sobre pobreza divulgados pelo IPEA falam em aumento do desemprego e da violência e em queda da renda. Estimam em 53,9 milhões o número de pobres, dos quais 44% são negros e 20% são brancos. Se o número de negros pobres é mais do que o dobro do de brancos pobres, isso significa que ser branco implica em 50% de chances a menos de ser pobre ou indigente no Brasil? Os números indicam que sim, e isso quase equivale a um seguro de vida”. (www.afirma.inf.br).

A questão racial se configura no fato de indivíduos com características de determinado grupo social serem excluídos do acesso à educação, emprego, saúde, etc.

SERVIÇO SOCIAL

Mesmo estando cristalizado que as expressões da questão social são a “base de fundação, a especialização do trabalho” do assistente social, aquela, por si só, não explica o dilema da questão racial. Como já discutido, a questão racial se fundamenta na estigmatização/desumanização de indivíduos que possuem características de determinado grupo social, o que implica não só em desrespeito aos direitos básicos destes, bem como “*bloqueia relações, possibilidades de participação, inibindo aspirações, mutilando a práxis humana, acentuando a alienação de uns e outros, indivíduos e coletividades*” (IANNI, 1972). Diante disto é importante não discutir a temática racial como fruto da questão social, embora se

confundam (conforme dados acima os indivíduos negros são, na sua maioria, pobres), embora sirvam como instrumentos de controle social, elas se baseiam em diferentes lógicas: uma que é a questão social que exclui os indivíduos a nível econômico, educacional, regional, cultural, etc., a outra exclui os indivíduos pela cor da sua pele, como nos mostra Queiroz: “*No Brasil a raça é um importante critério para demarcar o lugar dos indivíduos na estrutura social...*” (QUEIROZ, 2004). E a questão racial se torna ainda mais cruel, pois dilui a auto-estima da pessoa; este sofre por ser pobre, negro, morador de bairros periféricos sem nenhum tipo de infra-estrutura; no caso da mulher, ainda enfrenta as relações de gênero, que são mais determinantes quando aquela é negra.

Esta compreensão é de extrema importância aos profissionais do Serviço Social em razão de ser este, em sua grande maioria, o seu público - alvo, e com esta realidade que, de acordo com o tema em questão, eles irão atuar. Como mostra Iamamoto: “*(...) analisar a profissão supõe abordar, simultaneamente, os modos de atuar e de pensar que foram por seus agentes incorporados*”¹.

Ainda parafraseando Iamamoto: “*(a atuação do assistente social) tem efeitos na sociedade que incide no campo do conhecimento, dos valores, dos comportamentos, da cultura, que, por sua vez, têm efeitos reais interferindo na vida dos sujeitos*”.¹

Diante disto é importante verificar quais as contribuições (ou não) fornecidas pela atuação do profissional em instituições com este recorte¹.

ALGUNS EXEMPLOS

O Instituto Cultural Steve Biko é uma instituição pioneira no que diz respeito a cursinhos pré-vestibulares voltados para a população negra. Ele surgiu da idéia de estudantes negros universitários que verificaram a ausência de negros no ensino superior. Entendendo que, em parte, isto se devia à precária situação da Escola Pública (cujas maioria é negra), criaram um Curso no qual jovens oriundos destas escolas tivessem acesso a assuntos estudados desde a 5ª série até o nível médio.

Nestes 13 anos a Biko se expandiu, procurando formar estes jovens negros não só para o vestibular, mas também para o mercado de trabalho através do Projeto Bikoagiliza (onde os mesmos participam de oficinas como recepcionista, telemarketing, etc), bem como o Projeto de Formação de Jovens em Direitos Humanos e Anti-racismo que foi criado, entendendo que os jovens negros estão sendo assassinados pelos aparelhos coercitivos do Estado (polícia), com o objetivo de instrumentalizar estes no que diz respeito aos seus direitos, onde eles ficam conhecendo a Constituição Brasileira e a do Estado da Bahia, bem como o ECA e outros instrumentos legais de extrema importância; recentemente foi criado o Projeto Portas e Mentas Abertas, voltado para aqueles que já estão nas Universidades, com o objetivo de prepará-los para trabalhar em instituições públicas (Estado, Prefeitura) e ONG's.

Em todos estes Projetos a atuação da Assistente Social (bem como além deles) tem sido efetiva. Ela trabalha não só com estes através de oficinas, onde atua como facilitadora, e também de atividades lúdicas, bem como com as famílias desses jovens. Apesar de o espaço ser contíguo, ela consegue atender alguns jovens (abordagem individual) que tentaram o suicídio.

Atualmente ela coordena o Consórcio da Juventude e está organizando o Núcleo de Desenvolvimento de Pessoas no Instituto Steve Biko, em articulação com as Famílias.

¹ Iamamoto, Marilda Vilela **O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. São Paulo, Ed. Cortez, 2005. pgs. 27-42; 57-71.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Escola Luiza Mahin é um projeto de educação comunitária da Associação de moradores do Conjunto St^a Luzia no bairro do Uruguai. A Assistente Social não é da Associação e sim da Escola, através do Programa de Extensão da UCSal em parceria com a mesma.

O trabalho realizado pela assistente social e as estagiárias compreende: Grupo de desenvolvimento com educadores e funcionários da Escola, o Momento de Atenção à Família (MAF), Grupo de Família, observação participante em sala de aula e oficinas com alunos.

No trabalho realizado com os educadores através da abordagem grupal de Pichón Rivière, a assistente social procura estimular a reflexão dos mesmos não só em relação à sua prática educativa, que pode estar impregnada de estereótipos deturpados sobre as crianças negras, bem como sobre estas famílias e sobre eles próprios.

Foi criado também o Grupo de Família que procura estimular nos mesmos uma reflexão acerca das situações de violência racial que também pode contaminar a relação entre pais e filhos (existem casos de mães que “brincam” com certas características de seus filhos como o nariz, os lábios grossos, cabelos, etc), da qual foram (e são) vítimas e acabam reproduzindo entre os seus, sem se auto-identificarem.

DESAFIOS / LIMITES PARA A PROFISSÃO

Refletir sobre a prática profissional dos assistentes sociais em movimentos sociais e organizações não-governamentais implica necessariamente no debate sobre limites e possibilidades dessa atuação, no aprofundamento do conceito de mediação social e nas contribuições profissionais para o fortalecimento da sociedade civil brasileira.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Eliane **Raça Conceito e Preconceito**. São Paulo:Ed. Ática, 1987.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero LTDA, 1982.

IAMAMOTO, Marilda Vilela **O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. São Paulo: Ed. Cortez, 2005. pgs. 27-42; 57-71.

IANNI, Octávio **Raças e Classes sociais no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1972.

INSTITUTO PÓLIS. www.institutopolis.org.br

MONTÃO, Carlos **Terceiro Setor e a Questão Social: crítica ao padrão emergente de intervenção social**. São Paulo: Ed. Cortez, 2002. pgs.47-77; 103-124.

NOGUEIRA, Oracy **Tanto preto quanto branco: estudos das relações raciais**. São Paulo: Ed. T.A Queiroz, 1979

QUEIROZ, Delcele M. **O negro na universidade.** Publicação do Programa A Cor da Bahia / Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA. Salvador: Ed. Novos Toques.

SHERER-WARREN, Ilse **Meio Ambiente, Desenvolvimento e Cidadania: desafios para as Ciências Sociais.** São Paulo: Ed. Cortez, 1995. pgs. 161-179.